



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL**

**UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE**

---

**RUTHE FERNANDES**

**TÍTULO: ATITUDE LINGUÍSTICA ENTRE OS TERENA**

---

Campo Grande/MS  
2018

**RUTHE FERNANDES**

**TÍTULO: ATITUDE LINGUÍSTICA ENTRE OS TERENA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de especialista em Língua e Cultura Terena pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – sob a orientação da Prof. Dr<sup>a</sup>.Me. Elinéia Luiz Paes Jordão.

Fernandes, Ruthe

Atitude Linguística entre os Terena / Ruthe Fernandes. Campo Grande.MS:UEMS, 2018.

34P.; 30cm

Orientador(a): Elinéia Luis Paes Jordão  
Dissertação (Pós Graduação) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande.

1. Literatura – pesquisa. 2. Crítica. 3. Ruthe Fernandes .I. Atitude Linguística entre os Terena

CDD - 340.1

**RUTHE FERNANDES**

**TÍTULO: ATITUDE LINGUÍSTICA ENTRE OS TERENA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de especialista em Língua e Cultura Terena pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – sob a orientação da Prof. .Ma. Elinéia Luiz Paes Jordão.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof. Ma. Elinéia Luiz Paes Jordão (UEMS)  
(Orientador)

---

Prof. Dr. Marlon Leal (UEMS)

---

Prof. Ma. Dalila Luiz Cardoso (UEMS)

**CAMPO GRANDE/MS**

**2018**

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente quero agradecer ao meu Bom Deus que é o único merecedor de todo louvor, o qual me deu condições físicas e psicológicas para que eu não desistisse podendo assim concluir essa pós.

Agradeço também minha orientadora pelo apoio.

Ao meu esposo Carlos Eduardo que sempre me apoiou, incentivou, mesmo com seu problema de saúde mesmo que 2018 tenha sido muito difícil para ele ainda assim esteve me apoiando, e ao meu Eduardo, obrigada meu filho por cuidar do seu pai quando mamãe estava na Universidade, que Deus te abençoe.

Agradeço também ao meu pastor Ladislau Farias que me ajudou na ortografia terena.

Ao meu amigo Edenir Maidana que me ajudou nos últimos detalhes, Deus abençoe sua vida.

Em especial aos meus alunos do 2º ano da escola pastor Reginaldo Miguel Hoyenó'o que contribuíram com esse trabalho, os quais se dispuseram em responder ao questionário e também ao meu diretor Luis Fábio que me permitiu realizar essa pesquisa na escola.

Enfim, a todos que me ajudaram de forma direta ou indireta meus sinceros agradecimentos e que Deus abençoe cada um de vocês.

FERNANDES, Ruth. *Atitude Linguística entre os Terena*. 2018. 30 f. Dissertação (Pós Graduação em Língua e Cultura Terena) - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2018.

## RESUMO

Este trabalho tem por finalidade procurar entender a falta de interesse pela língua indígena terena na escola Estadual Indígena Pastor Reginaldo Miguel Hoyenó'o, buscando salientar a importância da mesma como característica de um povo. Na qual elaborou-se um questionário para a compreensão no ensino aprendizagem da língua. Foram registradas as atividades realizadas em sala de aula bem como sua análise. Apresentamos gráficos relacionados ao questionário, colaborando assim, com a busca pela atitude linguística entre os terena e na questão de valorizar a língua indígena para que não se torne uma língua morta. Este trabalho contribuiu significativamente para que a língua indígena terena seja revista pelos alunos e que a pratiquem todos os dias independentemente de sua utilização no meio acadêmico. Valorização da língua é o termo condizente com o trabalho aqui apresentado.

**Palavras-chave:** Língua terena. Valorizar a língua indígena. Ensino aprendizagem da língua.

FERNANDES, Ruthe. *Atitude Linguística entre os Terena*. 2018. 30 f. Dissertação (Pós Graduação em Língua e Cultura Terena) - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2018.

## KALI YÛNZO

Itúkovoqe ra kali yutoéti, oposíkoati kíxoaku kóyukea isóneu ne ihíkaxovotihiko, Têrenoe xoko ihíkaxovokuti Estadual kopénoti pastor Reginaldo Miguel Hoyenó'o, motovâti kahá'ayeahiko koane itúkinoahiko isóneu itúkeovo hana'iti importanciana ne vemó'u uti Têrenoe. Hanêko yutoéti ihíkaxopeti yúhoikopea, yutóxopea vemó'u uti têrenoe. Koati kókoyuse kixoti itúkeokono ne koyuhópeti. Vo'oku enepomo hákoti iyukínova isóneu têrenoe importanciana ne vemó'u uké'etimo. Ivokóvotimo ne vemó'u vo'oku ákonemo koyuhoâti ne vemó'u. Enepone koyuhópeti huvo'óxotimo ihíkaxovoti kahá'ayea koyúhoea vemó'u uhá koeti káxe.

**Yuhôti-noivôkoeti:** Emo'u têrenoe. Valorizá kixópea emo'u ne kopénoti. Konókotí íhikaxopeovo emó'u ne kopénoti.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	07
Objeto.....	09
Objetivos.....	09
Metodologia.....	09
Relatório de campo.....	09
Suporte teórico.....	10
<b>1 ALDEIA LAGOINHA</b> .....	14
1.1 Histórico da aldeia Lagoinha.....	14
1.2 Contexto linguístico da comunidade da aldeia Lagoinha.....	16
1.3 Histórico da escola.....	17
<b>2 ESTADO DA ARTE</b> .....	19
2.1 Resultados da pesquisa de campo.....	23
<b>3 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	30
<b>4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	32
<b>ANEXOS</b> .....	33



## INTRODUÇÃO

Os povos indígenas possuem a diversidade cultural, existem várias etnias, com sua própria cultura, costumes, língua e tradições, a definição de Diversidade Cultural é a proposta por François de Bernard (2005) que a define em cinco palavras. Diverso, e não simplesmente múltiplo, diferente, plural ou variado. Cultural, para não ser confundido com a biodiversidade, que trata da dimensão da natureza. Dinâmica, as culturas não podem ser consideradas estáticas, rígidas ou contábeis.

Pode-se afirmar que a diversidade não significa só reconhecermos o outro, vai além, significa criar relação entre o eu e o outro. É necessário observarmos, respeitar e valorizar as diversas culturas existentes, as diversidades que nos deparamos ao longo de nossa vida. A diversidade cultural deve ser trabalhada nas escolas, estabelecendo um compromisso com base na coesão social, na valorização, com princípios que devam ser norteadas através do conhecimento, respeito pelas culturas, valores, crenças, tradições, em busca de um equilíbrio entre alunos de diferentes origens. “ao considerarmos alguém ou alguma coisa diferente, estamos sempre partindo de uma comparação”, porém ao aprofundarmos o entendimento de diversidade requer abranger uma discussão política, pois diz respeito às relações de poder presentes no nosso cotidiano.

O Povo Terena descendem do grupo linguístico Aruak/Txané, da tribo Guaná, inicialmente dividida em várias subtribos; A invasão Paraguaia, no sul de Mato Grosso em 1865, iria intensificar o aliciamento das populações indígenas por parte das autoridades brasileiras. A defesa das fronteiras, segurança nacional passam a adquirir notável proeminência. Após a guerra do Paraguai, a crescente invasão de suas terras por colonos brasileiros facilitou uma busca de trabalho nas fazendas para a satisfação de suas necessidades básicas, já que em suas terras não era mais possível a pesca e a caça nas quantidades necessárias e nem a produção de uma agricultura suficiente para a manutenção de sua família.

De acordo com FERREIRA e OLIVEIRA, ao falarem com relação aos povos indígenas no Brasil, destacam que segundo o IBGE (2013) que estão distribuídos por todo o território. E com relação a língua afirmam, “...as estatísticas quanto às línguas por eles faladas ainda permanecem estáveis, uma vez que os levantamentos continuam apontando para uma média de 180 (cento e oitenta) línguas. Diante dessa grande diversidade, encontramos apenas 11 (onze) grupos espalhados pelo

território brasileiro que possuem falantes com uma população superior a 5000 (cinco mil) falantes”.

Na busca de reafirmar a identidade, o povo indígena Terena esta vivenciando dois momentos. 1º- um processo de *Manutenção da cultura Terena*- as escolas indígenas alfabetizam em sua língua materna, da educação infantil até o 2º ano. 2º processo é a *Revitalização da Cultura Terena* – as escolas procuram valorizar a cultura Terena, porém a língua materna não é mais a língua indígena e sim a língua portuguesa, assim a língua indígena é considerada segunda língua. Esse processo está sendo realizado nas aldeias que estão perdendo suas tradições, principalmente a língua. (é o caso da Aldeia Ipegue, Lalima, Buriti, entre outros)

## **OBJETO**

O objeto desse trabalho é analisar as atitudes em relação à língua terena entre os alunos terena da Escola Estadual da Aldeia Lagoinha (Pastor Reginaldo Miguel Hoyenó'o) existente na aldeia. A análise é feita com os discentes do 2º Ano e procura ao menos entender um pouco porque os discentes do 2º ano não demonstram um interesse por aquilo que caracteriza sua identidade como terena, pois a língua materna garante aos mesmos a preservação de seu grupo, impedindo assim que a língua se perca daqui alguns anos.

## **OBJETIVO**

Analisar atitudes linguísticas da língua terena entre os alunos terena da Escola Estadual Indígena Pastor Reginaldo Miguel Hoyenó'o.

## **METODOLOGIA**

A metodologia aplicada nesse trabalho é um trabalho de campo, no qual foi feito uma aplicação de questionário aos discentes e a partir de então analisar as respostas de cada um para que assim possa ser feito uma análise e também um gráfico para uma melhor compreensão.

## **RELATÓRIO DE CAMPO**

Esse trabalho foi aplicado aos alunos no dia 18 de outubro de 2018 às 8 horas da manhã na escola onde a pesquisa aconteceu. Foram feitas 10 impressões e apresentadas aos alunos. Será entregue aos discentes, não tendo como objetivo revelar a identidade do aluno, de forma que após o término do questionário, será posto em um envelope e lacrado na presença dos alunos, sem expô-los, para que em outro momento seja analisado resposta por resposta e assim fazer uma análise e posteriormente construir um gráfico. Assim fazer a análise do não interesse pela própria língua, mostrando a parte intelectual.

## SUPORTE TEÓRICO

Observando a relação existente entre linguística, linguistas e também as línguas indígenas podemos observar que se de um lado há nisso uma importância para a academia em procurar compreender o fenômeno da linguagem humana, por outro lado há uma necessidade em apresentar para as comunidades linguísticas investigadas um tipo de conhecimento que possa ser significativo em vários aspectos, destacando a valorização cultural e toda relação existente entre a comunidade.

Craig (2000) divide sua reflexão em três partes: sendo a primeira, o desenvolvimento da linguística e os linguistas, como profissionais; a segunda é a relação existente entre linguistas e as línguas indígenas; sendo a última o tipo de relação existente entre os atores, ou seja a necessidade que haja linguistas falantes capacitados para estruturar a língua nativa.

A autora afirma que a academia deve servir como um ponto de partida para que se estabeleça uma relação entre linguistas e linguística. Diante disso, o mundo acadêmico tem como objetivo, entre outros, de promover certos ensinamentos e também capacitação e conhecimentos humanos, além de promover metodologias adequadas sem contudo esquecer dos interesses da academia e também os interesses da comunidade indígena, para que haja uma relação produtiva e duradoura.

Deve se levar em consideração nessa relação, a pressão que possa ocorrer, para que em todo o momento haja uma “certa originalidade” na análise, contudo pode surgir efeitos negativos; podendo tudo isso gerar conflito com os interesses dos falantes nativos. Portanto, é necessário que todo trabalho de análise aconteça de forma unânime, é preciso que todos falem a mesma língua, ou seja cheguem as mesmas conclusões.

Outra questão importante se refere ao interesse pela linguagem humana, que é antiga; e a própria linguística enquanto disciplina que abarca a perspectiva teórica, a descritiva e a aplicada. Diante de tudo isso, a pesquisadora chegou à seguinte conclusão, de que deve haver uma aliança entre a linguística e as línguas indígenas, portanto faz se necessário essa relação linguística e língua indígena.

Conforme Borba (1984), é possível perceber que nas mais remotas civilizações, encontramos uma ciência da linguagem. Há de considerar que o termo

“ciência” resultou de uma discussão, mas ressaltando que a linguagem foi concebida no curso da história, através de diferentes olhares. A linguagem como expressão do pensamento, sendo a mais antiga das concepções de linguagem, partindo da ideia de que o pensamento é um dom inato, de que a linguagem é indispensável e dessa forma o homem não pode pensar sem dela fazer uso, e a mesma funciona somente como veículo de pensamento. Se a função da língua é representar o pensamento e conhecimento de mundo, aquele que fala “mal”, pensa “mal” (GERALDI, 2001, p. 41).

O termo “língua” refere apenas uma variedade, a denominada língua padrão ou norma culta. A língua a ser seguida deve considerar às regras regidas pelas “boas” gramáticas normativas. A variação é sinônimo de transgressão. Para ressaltar a concepção de variação vigente entre os defensores dessa abordagem, observemos o que disse Borba (1984): “[...] as línguas são preservadas pelo uso de um povo educado e cuidadoso e sofrem mudanças por causa das corrupções vulgares”. Portanto, as explicações para a mudança linguística estão perpassadas pela concepção de língua.

Para Neves, o termo “norma” tem duas significações quando o campo é o da linguagem. Na primeira concepção de linguagem, entende-se norma como uma modalidade linguística “normal”, “comum”. Inicialmente essa modalidade seria estabelecida pela frequência de uso, e se favorece, realmente, o uso linguístico. De acordo com a autora ela ressalta que: Por se tratar de uma língua dita como “normal”, “comum”, e, então a noção é de uma modalidade, aquela concebida e tida como usual, como “média dos falares”, abstraindo-se, por aí, a frequência e a modalidade de uso. Em um segundo momento o termo “norma” é entendido como o uso regrado, como modalidade sabida por “alguns”, mas não por outros. Estabelece-se juízo de valor dentre as variedades lingüísticas: ao inscrever apenas uma modalidade como modelo padrão, de forma que a concepção é arbitrária além de autoritária.

A segunda concepção de linguagem “a língua como instrumento de comunicação” fruto do estruturalismo. Para essa corrente teórica, a língua - (abstrata, homogênea e social) - é um sistema de valores puros; ou seja, um sistema no qual as partes se relacionam e se opõem. Saussure (1985) chega a afirmar: “a língua é um sistema que conhece apenas a sua própria ordem”.

Segundo Faraco (2000), a língua é concebida como um sistema que basta a si mesmo em cada momento sincrônico, e se há certo equilíbrio solidário entre as partes, a mudança não deve ser entendida como progresso ou como degeneração, mas como um processo pelo qual as línguas simplesmente passam. Altera-se, portanto a configuração do sistema, mas nunca a realidade sistêmica da língua.

Se todos falam a mesma língua e se todos os falantes partilham de um mesmo sistema de língua, não haveria então as diversas variações. As variações estão circunscritas apenas ao desempenho concreto do falante, mas nunca no interior da própria língua. Seguindo esse raciocínio, o termo “língua” recobre todas as variações linguísticas com o intuito de dar conta da comunicabilidade. Isto é, ao defender a língua como produto social que possibilita a comunicação, exclui-se o falante como interlocutor, pois o que interessa é a presença de emissores, codificadores e decodificadores.

A terceira concepção define a língua como forma ou processo de interação social, como sendo um trabalho coletivo que pode ser realizado dentro das práticas sociais, em grupos sociais diferentes e em distintos momentos da história.

Podemos entender então que, a língua é uma atividade humana histórica e social, pela qual o homem organiza e dá forma às suas experiências. “A ação se realiza na e pela linguagem” (KOCH, 1997, p.11).

Diante de tudo que foi exposto, sobre a relação linguista e língua indígena e também a definição de língua é possível acoplar a tudo isso uma metodologia voltada aos cantos como sugeriu um aluno ao relatar sobre o que proporia como mudança nas aulas de língua terena, podemos nomear as textualidades dos cânticos indígenas, à essência cíclica da cultura africana tradicional, representada pelo registro da literatura africana e afro-brasileira, dos mitos, como instrumentos e metodologias do currículo escolar. A escuta de vozes etnográficas no interior da escola, pode ser um instrumento que auxilie no diálogo e na desconstrução do etnocentrismo, da linearidade cartesiana, pois a história oficial narra uma única verdade. Os saberes das diferentes culturas podem colaborar na construção das identidades, na valorização da diversidade cultural, no entendimento comparativo e ambíguo dos saberes milenares ancestrais.

O olhar dialógico na instauração da ciência ocidental permite uma troca de saberes e conhecimento, entendido nas mais diversas áreas do conhecimento

humano de etnoconhecimento (astronomia, biologia, antropologia e história) (AFONSO E SILVA, 2012). O conteúdo e a metodologia conduzidos pelo estudo

O conhecimento do etno é uma valiosa contribuição curricular no âmbito educacional, o mesmo precisa compreender, pois dependendo da etnia, do espaço geográfico, do tronco linguístico existe um sentido a ser relativizado pela ciência ocidental. Os presentes mitos são manifestações singulares pertencentes aos universos kaiowás e africano, que se assemelham com o universo Terena, permite ouvir, entender? comprovar? significar e ressignificar uma temporalidade presente. O movimento dos diálogos culturais pode quem sabe aceitar sobretudo, na perspectiva merleau-pontyana o um eterno começar..., que não daremos conta nem precisamos: quem dá? Simplesmente dialogar, e refletir sobre o significado dos diferentes saberes.

## 1 ALDEIA LAGOINHA

### 1.1 Histórico da aldeia Lagoinha



**Foto 01:** Entrada da Aldeia Lagoinha.

**FONTE:** Sueli Rodrigues, 2018.

O Terena descende do grupo linguístico Aruak/Txané, da tribo Guaná, inicialmente dividida em várias subtribos; A invasão Paraguaia, no sul de Mato Grosso em 1865, iria intensificar o aliciamento das populações indígenas por parte das autoridades brasileiras. A defesa das fronteiras, segurança nacional passam a adquirir notável proeminência. Após a guerra do Paraguai, a crescente invasão de suas terras por colonos brasileiros facilitou uma busca de trabalho nas fazendas para a satisfação de suas necessidades básicas, já que em suas terras não era mais possível a pesca e a caça nas quantidades necessárias e nem a produção de uma agricultura suficiente para a manutenção de sua família.

A situação indígena em Mato Grosso, particularmente a situação Terena, só se alteraria realmente a partir de 1903/1904 com o início da construção das linhas telegráficas pela comissão Rondon e da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, que ligaria Bauru a Porto Esperança (inicialmente) em 1905. Nessa época a apropriação, às vezes violenta dos meios de produção e das forças de trabalhos indígenas intensifica e o índio é absorvido compulsoriamente pela sociedade regional ainda que se iniciem a concessão de terras, a demarcação de reservas e a tutela do



Estado através da criação do Serviço de Proteção ao Índio 1905, em 1910 pelo decreto federal 8072.

Nos anos de 1904 e 1905 através de Rondon, foram demarcadas as quatro primeiras reservas terenas em Mato Grosso – Cachoeirinha, Bananal, Ipegue e Lalima – sendo demarcadas até 1928 as demais áreas indígenas Terena. Nesse mesmo período, a partir de 1912, inicia-se o trabalho das missões protestantes (inglesas, alemãs e posteriormente as norte-americanas), com a visão de alcançar esse povo através da educação/escolarização e assim lançam o primeiro escrito em língua terena (evangelho de Marcos), cuja publicação data de 1944. Criam-se escolas, cartilha terena e começam a alfabetizar. A Igreja Católica através dos redentoristas também instalam escolas nas aldeias, ensinado em português. Em 1936 o SPI inicia suas atividades escolares na Aldeia Bananal na região de Aquidauana. Mato Grosso do Sul, apesar das diferenças culturais entre as populações indígenas, é habitada por 09 etnias (Terena, Ofaye, Guató, Kadiweu, Kinikinawa, Guarani, Kaiowa, Atikum e Kamba), e cada povo se habilita pelas suas tradições, sendo que os Terena são conhecidos como indígenas agricultores, os Kadiweu como indígenas cavaleiros, os Guató como autênticos canoeiros.

Hoje, o Terena sai muitas vezes de seus pequenos espaços para trabalhar na cidade, porque só assim conseguem manter as famílias. Apesar do contato constante com o português, o idioma nativo ainda é muito utilizado em algumas comunidades indígenas, como a aldeia Bananal, Água Branca, Lagoinha e Morrinho como uma tentativa de preservar ao máximo a cultura através da língua falada. Já outras como é o caso da aldeia Imbirussú, Colônia Nova e Ipegue a língua está se perdendo a população optou pelo ensino da língua portuguesa à seus filhos. No entanto, a expressão cultural dos Terena também pode ser observada em produtos artesanais, danças típicas e cultivo de alimentos. Existem programas sociais do município com parceria do governo federal e estado como segurança alimentar, bolsa família, bolsa universitária, que são de fundamental importância para a subsistência das famílias indígenas, porém é necessário que esses programas e projetos não percam sua essência e que sejam voltadas realmente as necessidades da população, com a participação efetiva da comunidade indígena.

O povo Terena encontra-se distribuído em municípios do Estado do Mato Grosso do Sul, os quais têm: Miranda, Aquidauana, Anastácio, Sidrolândia, entre outros.

Cada povo tem sua história, sua língua, sua cultura, suas crenças, cada qual possui uma forma de pensar e também seu local de origem.

Com relação à comunidade em foco, situada no município de Aquidauana, a aldeia lagoinha localizada próximo ao Distrito de Taunay, tem em seu entorno sete aldeias, com uma área total de sete mil hectares. Sua fundação se deu em 1956, porém, sua estruturação é recente.

Tal fundação se deve à família do senhor Guilherme Moreira (índio terena), sua esposa a senhora Margarida Miguel Moreira. Essa família veio da aldeia Bananal em 20 de Dezembro de 1956, destinados a fazer lavoura, ansiava plantar mandioca, milho entre outros produtos, os mesmos se fixaram as margens de uma lagoa que ali havia, a qual mais tarde daria origem ao nome daquele povoado.

O capitão da aldeia Bananal, na época o senhor Antonio Vicente (Pikihi), ao fazer uma visita à família do senhor Miguel Moreira, sugeriu em uma reunião que colocasse o nome de “Borevy” naquele lugar. Porém o senhor Guilherme não concordou, sugerindo então o nome de “KaliLavona”, o qual na língua terena significa “Lagoinha”, nome esse que homenageava uma senhora por nome Maria Carolina, pois a mesma sempre que passava próxima a lagoa, dizia “Kalilavona”, admirando-a. Dessa forma nasceu a aldeia Lagoinha situada entre o distrito de Taunay e a aldeia Bananal (sede do Posto Indígena da Funai).

## **1.2 Contexto linguístico da comunidade da aldeia Lagoinha**

A comunidade indígena da aldeia Lagoinha é composta por pessoas idosas, jovens, adolescentes e muitas crianças.

Apresenta uma diversidade do uso da língua materna. Os falantes fazem uso da língua terena frequentemente, sendo que também utilizam a Língua Portuguesa.

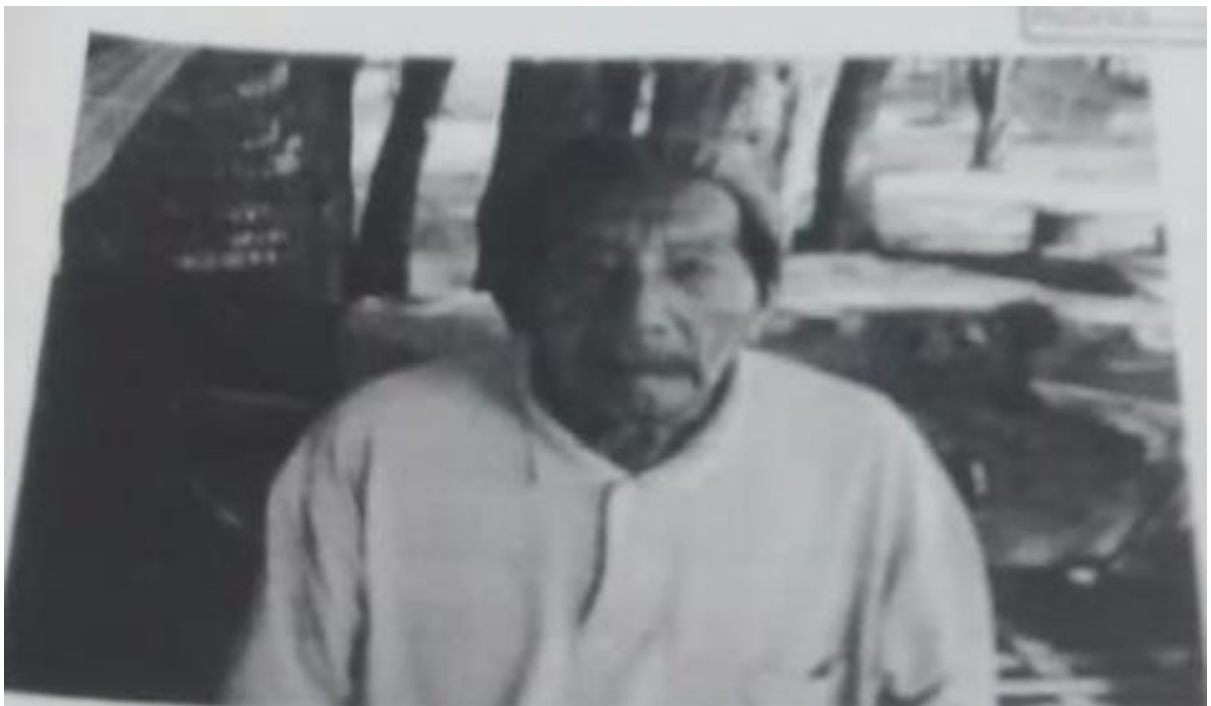
Os anciãos conservaram a língua dos seus antepassados embora, tem preferência pela língua portuguesa para uso com os não falantes, os chamado purutuye.

Quanto aos jovens são falantes da língua terena e da língua portuguesa quando se faz necessário. Já as crianças aprendem com os seus pais na casa, na roça, de várias maneiras, através também da observação da prática dos pais, e aprendem ainda com os coleguinhas durante as brincadeiras entre elas.

### 1.3 Histórico da escola

Devido ao grande número de alunos para o Ensino Médio na referida aldeia, viu-se a necessidade de se criar uma escola que solucionasse a necessidade, dessa forma, lideranças e membros da comunidade lutaram por esse sonho. Sonho esse que se tornou realidade com a autorização que foi concedida para que uma sala de aula para 25 alunos passasse a funcionar, sendo, portanto uma extensão da Escola Estadual Professora Dóris Mendes Trindade.

Portanto no dia 19 de Abril de 2006 a Escola Estadual Indígena de Ensino Médio Pastor Reginaldo Miguel Hoyenó'o foi fundada. A escolha pelo nome foi unânime, uma vez que o pastor homenageado, o pastor Reginaldo Miguel, foi um homem que buscava ensinar o evangelho, o qual ansiava pelo crescimento espiritual e intelectual de sua comunidade.



**Foto 02:** Pastor Reginaldo Miguel- Nascido no Ano de 1930 e Falecido no Ano de 2009.

**Fonte:** PPP Escola Estadual Indígena Pastor Reginaldo Miguel Hoyenó'o, Aquidauana 2014.

Devido à grande procura e o número de alunos crescia, percebeu-se a necessidade de um prédio próprio, e isso se concretizou, o projeto foi aprovado e sua inauguração se deu no ano de 2016, contando com 06 salas de aula, biblioteca,

sala de tecnologia, cozinha, salas administrativas e sanitários, levando assim a uma escola independente, não sendo mais uma extensão.

A escola atualmente atende alunos oriundos da aldeia local, bem como de aldeias vizinhas e do distrito, funcionando nos períodos matutino e noturno. Há ao todo 96 alunos matriculados esse ano (2018).

A língua materna passou a fazer parte da ementa a partir do ano de 2007, com o objetivo de resgatá-la. Esse trabalho é concernente aos alunos do 2º ano do ensino Médio da Escola estadual Pastor Reginaldo Miguel Hoyenó'o, todos terena, a sala possui 5 meninos e 7 meninas.

A proposta em observar essa sala, é porque tenho percebido ao longo dos meses que alguns alunos da sala não assistem às aulas, que ocorre no primeiro tempo as quintas, isso faz com que cheguem à escola minutos antes de encerrar a primeira aula, participando a partir do segundo tempo. Observando essa atitude, resolvi procurar entender o porquê dessa falta de interesse com a língua materna. Decidi então através de questionário analisar tal comportamento, através do mesmo os alunos deverão argumentar e justificar suas respostas para que depois seja feita uma análise dos dados.

## 2 ESTADO DA ARTE

O foco desse trabalho é analisar a falta de interesse dos alunos do 2º ano do Ensino Médio, período matutino da escola Estadual Indígena Pastor Reginaldo Miguel Hoyenó'o, no ensino aprendizagem da língua terena.

Independente da etnia, a língua materna deve ser preservada, pois a mesma é caracterizada como identidade de um povo, identidade essa que vem se perdendo ao longo dos anos. A língua terena é uma das línguas que permanece ainda viva, haja vista que em 1500 após a posse de terras pela coroa portuguesa foi estimado um número de 1175 línguas indígenas e tendo como desaparecidas mais de 1000 línguas indígenas. Segundo Lidório (2005, apud Rodrigues 1993) " Aryon Rodrigues estima que na época da conquista, eram faladas 1273 línguas, ou seja, perdemos 85% de nossa diversidade linguística ".

Há de se compreender que essa perda da língua está relacionada a perdas culturais complexas, vejamos a falta de um ancião transmitir o seu conhecimento aos mais novos, tradições orais, enfim toda história e mito do terena deve ser compartilhado para que a sua história não caia no esquecimento. E nesse processo de transição quando a língua materna cair em desuso pelos jovens, normalmente chamamos isso de "geração perdida", dessa forma haverá um vácuo na história dos terena. É necessário então não se perder essa característica, uma vez que tenho dito que é nossa identidade. Lidório (2005,pg,9)," Esse é um momento de perigo, em que a identidade indígena é autoquestionada e muitos valores e, sobretudo, seu poder de comunicação e transmissão de conhecimentos são perdidos. Perdem-se também os sonhos. "

Cada povo tem sua língua e cada língua tem seu valor. Nós, como falantes da língua, temos que valorizar a nossa própria língua e por isso temos que aprofundar mais o estudo dela, para que ela não se perca. Por isso temos que dar valor para nossa língua. Nós corremos o risco de perder a nossa língua Os mais velhos estão desaparecendo. E nós, professores, temos de ir buscar com eles o conhecimento. Sugiro que se traga um velho para ele ensinar as palavras como eles usam, as palavras, o significado delas na frase. (Kamoriwã'iTapirapé, 29 de setembro de 1999). ([https://amerindias.github.io/referências/leifra\\_06\\_quinhentos\\_anos.PDF](https://amerindias.github.io/referências/leifra_06_quinhentos_anos.PDF) , acessado em 29 de outubro de 2018 às 14:42h)

Krauss (1992) lançou uma alerta para o mundo quando afirmou, com base em rigoroso levantamento, que, no século a se iniciar, 3 000 das 6 000 línguas

existentes no mundo desaparecerão e 2 400 estarão perto da extinção. Apenas 600, ou seja 10%, se encontram seguras, a salvo; no próximo século, diz Hale (1998), a categoria "língua" incluirá somente aquelas faladas por, no mínimo, 100 000 pessoas. Isso significa que 90 % das línguas do planeta estão em perigo; pelo menos 20% - ou talvez 50% - das línguas já estão agonizando. Uma língua agonizante ou "em perigo" é, tipicamente, uma língua local, minoritária, e em uma situação de ruptura geracional: onde, se os pais ainda falam com seus próprios pais suas línguas maternas, já não o fazem mais com seus próprios filhos, que abandonam definitivamente o uso da língua nativa, destinada à morte dentro de um século, a menos que algo aconteça para a sua revitalização.

Enfim, a língua faz parte de nossa cultura não podemos deixá-la morrer com base nisso resolvi fazer essa análise, buscar compreender pode ser que não consiga ao todo ao menos posso procurar compreender, de forma que essa pesquisa será feito com os alunos de ensino médio, turma 2º ano, período matutino. Será apresentado um questionário aos alunos, que terão que argumentar procurar respondê-las de forma descritiva e também avaliar suas atitudes diante de tal situação, quem sabe até procurar se interessar mais pelo ensino aprendizagem da língua.

Sabendo que é garantido por lei constitucional o direito de preservação e estudo das línguas indígenas nas escolas, pelo artigo 210:

“O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem.”

Dessa forma os alunos têm esse ensino aprendizagem no ensino fundamental e no ensino médio uma continuação daquilo que vem sendo ensinado nas séries iniciais, porém as crianças também não exercem o domínio da língua, pelo fato de em suas casas os pais já não mais se expressam na língua materna, usam com mais frequência a língua portuguesa.

Mendonça, refletindo sobre a prática de AL no Ensino Médio, define bem essa proposta: “O termo análise linguística (...) surgiu para denominar uma nova perspectiva de reflexão sobre o sistema linguístico e sobre os usos da língua, com vistas ao tratamento escolar de fenômenos gramaticais, textuais e discursivos” (MENDONÇA, 2009, p.205).

Há de convir que os professores não possuem uma ementa curricular da língua materna, os mesmos devem buscar a cada dia resgatar fontes, histórias entre outros para ministrar suas aulas. Até mesmo o ensinar a escrever na língua. É necessário material didático que inclusive são poucos, mas isso não significa que o professor deva se acomodar, pelo contrário deve sim lutar para a preservação da língua materna.

Os materiais didáticos estão iniciando o caminho de adequação à nova proposta, e os professores precisam ser orientados em como utilizá-la. Muitos permanecem na proposta tradicional por se sentirem seguros com esta, mesmo reconhecendo suas falhas. Como afirma Mendonça, “A mudança na prática pedagógica que prevemos é gradual e repleta de dúvidas, com passos adiante e atrás, e este parece ser o caminho mais provável e seguro, por mais paradoxal que pareça” (2006, p.225).

A aldeia mencionada aqui é a aldeia Lagoinha “KaliLavona” como é conhecida, atualmente possui 700 habitantes, localizada no distrito de Taunay-município de Aquidauana, tendo em seu entorno 7 aldeias com uma área total de 7000 hectares, possuindo duas escolas públicas (uma municipal e outra estadual) e a escola mencionada aqui é a escola estadual. Que possui 96 alunos matriculados todos indígenas e moradores da aldeia local.

A aldeia “kalilavona” recebe esse nome por conta da pequena lagoa existente na comunidade, recebeu esse nome em homenagem à senhora Maria Carolina, pois a mesma sempre que passava próximo à lagoa dizia ‘Kalilavona’, admirando –a.

E a escola estadual recebe o nome Pastor Reginaldo Miguel Hoyenó'o em homenagem ao saudoso pastor Reginaldo Miguel que foi um grande incentivador da palavra bem como um dos líderes que deu grande parcela de contribuição ao seu povo buscando sempre o melhor para sua comunidade. A escola conta com os professores em sua maioria terena. Os quais procuram sempre resgatar e valorizar a cultura terena em especial a língua materna o que garantirá assim a manutenção da identidade indígena.

Conforme Martins (p,66; 2002): ‘Além da língua...os terena[...]mantém vivos aspectos do passado étnico além de contribuir para a manutenção da identidade Terena enquanto amálgama do tecido social indígena’.

“A língua terena é ensinada no lar pelas mães aos seus filhos pequenos. Nos primeiros anos da década de 1990, nas escolas Terena foram realizadas no Estado

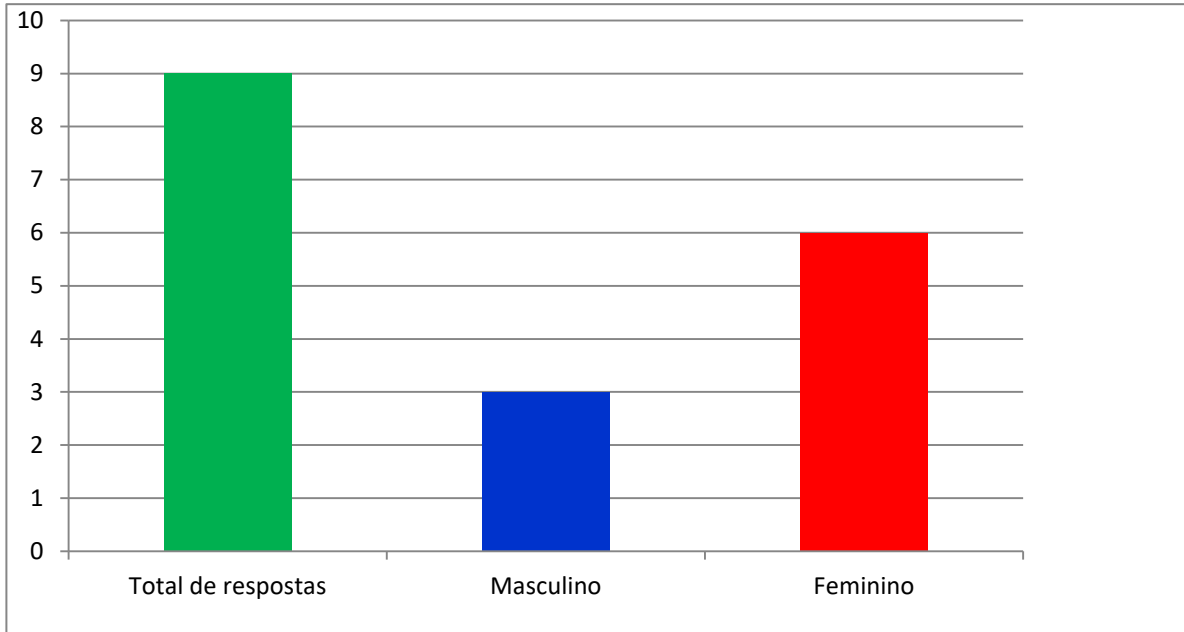
às experiências pioneiras de alfabetização bilíngüe”. (Martins p.66; 2002). Porém atualmente o contexto é outro, o grande avanço tecnológico contribui para a perda da língua, quando deveria ser um ponto positivo. A língua indígena é de fundamental importância para os povos indígenas, é o traço mais marcante em qualquer cultura, ela funciona como um elemento central da identidade de um povo, instrumento pelo qual o conhecimento tradicional desse povo é repassado de geração para geração. Antropólogos que querem estudar uma cultura coletam o vocabulário específico de parentesco, cosmologia, natureza e outros aspectos da cultura, idealmente também tornando-se falantes da língua, Denny Moore e Nilson Gabas Júnior, afirmam que : O conhecimento e a preservação das línguas indígenas brasileiras são de fundamental importância, pois possibilita a apreensão do conhecimento tradicional dos povos indígenas sobre entre outras coisas, sistemas nativos de classificação de espécies animais e vegetais; de reconhecimento de solos; de conhecimento da astronomia para plantio e coleta; de controle natural de pragas; de domesticação de animais e plantas; de uso de plantas medicinais e aromáticas, etc. Entre os Piaroa da Venezuela, Zent (2001: 207) demonstra que o conhecimento dos nomes de plantas na língua nativa está fortemente correlacionado com o conhecimento dos usos tradicionais delas. Sem conhecer as línguas indígenas, é impossível alcançar esse conhecimento, e quando uma língua indígena morre, o conjunto desse conhecimento é, conseqüentemente, também perdido.

De acordo com Airton Rodrigues (2001), as línguas indígenas no Brasil a mais recente classificação das línguas indígenas brasileiras, elaborada na web site do Instituto Socioambiental, reconhece 160 línguas indígenas distintas. A classificação reconhece dois troncos lingüísticos: macro-jê (contendo nove famílias) e tupi (contendo 10 famílias). Além destes troncos lingüísticos há 13 famílias com duas ou mais línguas que não são relacionadas a outras famílias (arawá, aruák, guaikurú, jabotí, karíb, katukína, makú, múra, nambikwára, páno, tukáno, txapakúra e yanomámi). Também há sete línguas isoladas: aikanã, irántxe, kanoé, kwazá, máku, trumái, e tikúna. Lembrando que a oralidade é a base da educação indígena e do processo de transmissão de sua cultura.



## 2.1 Resultados da pesquisa de campo

Há 12 alunos matriculados no 2º ano, porém nove alunos responderam sendo três meninos e seis meninas.



**Gráfico 01:** Total de alunos que responderam o questionário e sua distribuição por sexo.



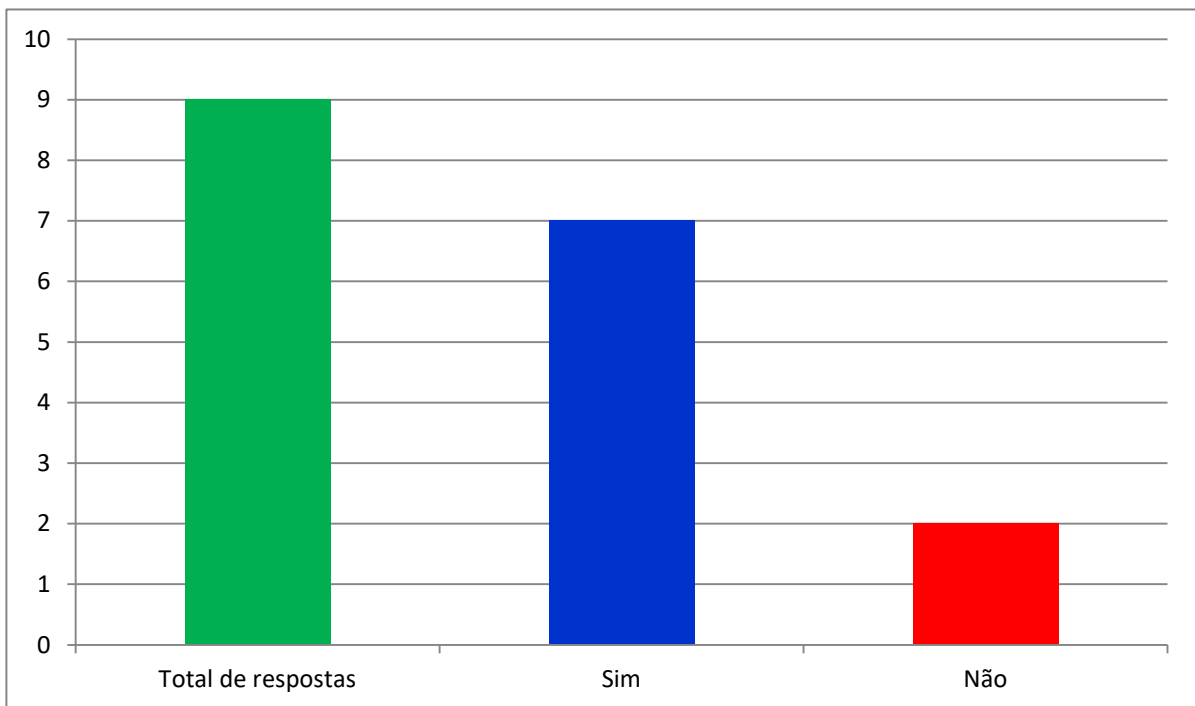
**Foto 03:** Alunos do 2º Ano Ensino Médio da E.E.I.Pr. Reginaldo Miguel Hoyenó'o.  
**Fonte:** Ruthe Fernandes da Silva, 2018.

Em relação à questão **“Na sua família tem algum falante terena? Sim ou Não. Comente.”**

Dos três meninos que responderam, todos possuem na família os pais como falantes e os mesmos acham ótimo, essa atenção que a família tem em casa em relação à língua e até mesmo no diálogo com os filhos.

Seis meninas responderam, porém apenas uma não possui nenhum falante na família, porém entendem algumas palavras, as demais meninas registraram que suas avós, seus pais são falantes, apenas uma aluna disse que sua mãe fala muito pouco, a língua Terena, o pai porém é o que mais fala na língua.

Contabilizando o número total de respostas 07 alunos responderam que possuem falantes do idioma Terena e 02 disseram que não possuem ou se fala raramente no seu cotidiano.



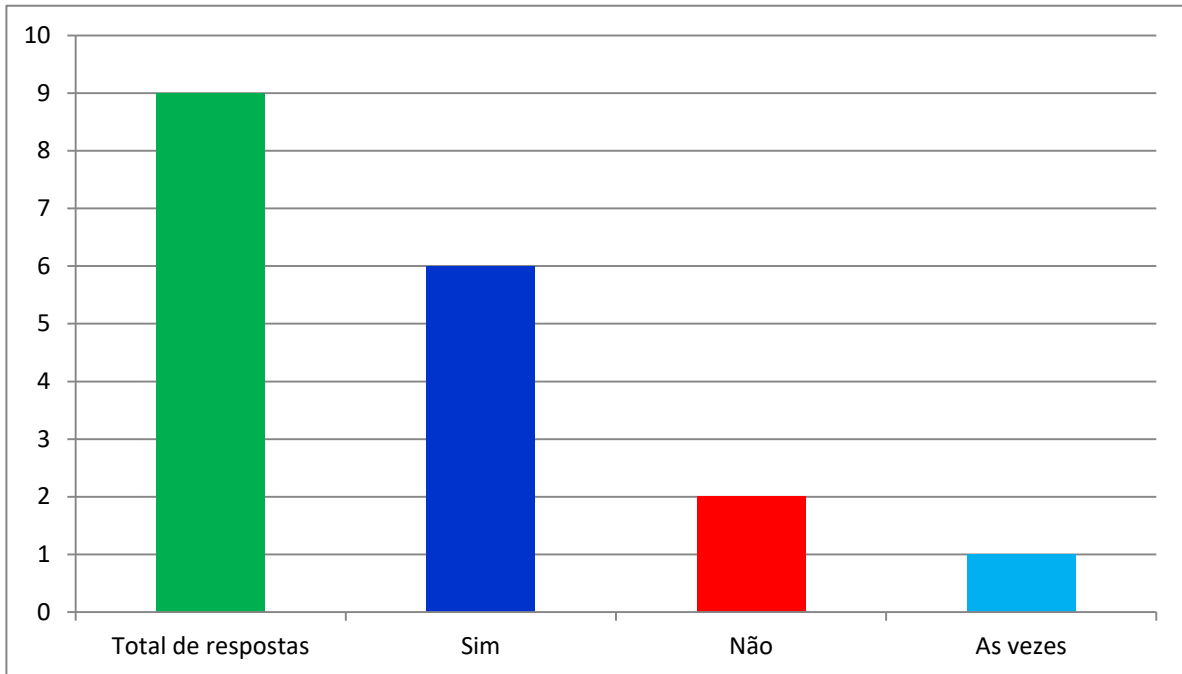
**Gráfico 02:** Falantes fluentemente do idioma Terena na família.

Com relação à questão **“Vocês conversam na língua terena em casa? Sim ou não. Comente.”**

Todos os meninos escreveram que em casa todos falam em terena em seu cotidiano os quais disseram falar com muito orgulho, ressaltando, “para não deixar morrer a nossa língua.”

Já as meninas, uma ressaltou não ter interesse algum em falar na língua Terena, e a segunda disse que nem ela nem seus irmãos não entendem e também não falam. As demais disseram falar mais a língua Terena, pois sentem a

necessidade de manter viva a cultura e o orgulho de ser Terena e sentem pela discriminação que sofrem.



**Gráfico 03:** Número de alunos que falam o idioma Terena em casa.

No que diz respeito a **“O que você conhece da língua terena?”**

**Palavras – Quais?** A maioria conhece muitas palavras, e selecionei algumas que são:

Tûti:cabelo	Kâme: abobora	Tamúku :cachorro	Sîni:onça
Úko: chuva	Ûndi :eu	Káxe: sol/dia	akapéti: quintal
Simotine: chegou	Îti: você	kûre: porco	kámo: cavalo

Apenas uma menina, disse não conhecer nada sobre a língua terena, “não conheço nada sobre a língua terena, nem palavras e nem frases, muito menos histórias.”

**Frases – Quais?**

Dois alunos acredito que não compreenderam a letra **b** com relação as frases, os demais escreveram frases como:

- Itíveti ne nârange= A laranja está doce.
- Uhê'ekoti ovokúti= A casa é bonita.
- Uhê'ekoti itunevo ne tikóti= Que flor linda que tem nessa árvore.
- Êno xûve nârange óvokuke ônju= Na casa de meu avô tem muitos pés de laranja.
- Ápe hõe huveokuke= Tem peixe no rio.
- Na yéno âti? Onde você vai maninho?
- Kutikéha?= Como você se chama?

### **Histórias- Conte**

Com relação a histórias apenas uma aluna escreveu:

“Enepora tikóti kóahati Ápiniku uhé'ekoti hiû. Uhá kôeti xoénae kó'hiuye, mopó'a kó' iyeovoku hiû. Ápe hiyá'iti, hopú'iti, Yoko homomó'íti.”

**“Essa árvore chamada IPÊ é bonita. Todos os anos ela floresce, existem três tipos de cores. Tem amarelo, branco e roxo. ”**

Em relação à quarta questão **“O que você acha da língua portuguesa? Comente”**

Uma aluna afirmou ser a língua portuguesa para ela muito importante, uma vez que ao entrar para cursar uma faculdade, a língua terena não será muito falada.

Os demais todos disseram ser bom, bem legal, **“usamos muito no nosso dia a dia, e quando estamos na cidade pedimos informação usando a língua portuguesa”**.

Apenas um aluno mencionou **achar a língua portuguesa difícil para o terena, “a língua terena é um pouco difícil para o terena, o jeito de falar é muito rápido e um pouco complicado, mas é bom fala português.”**

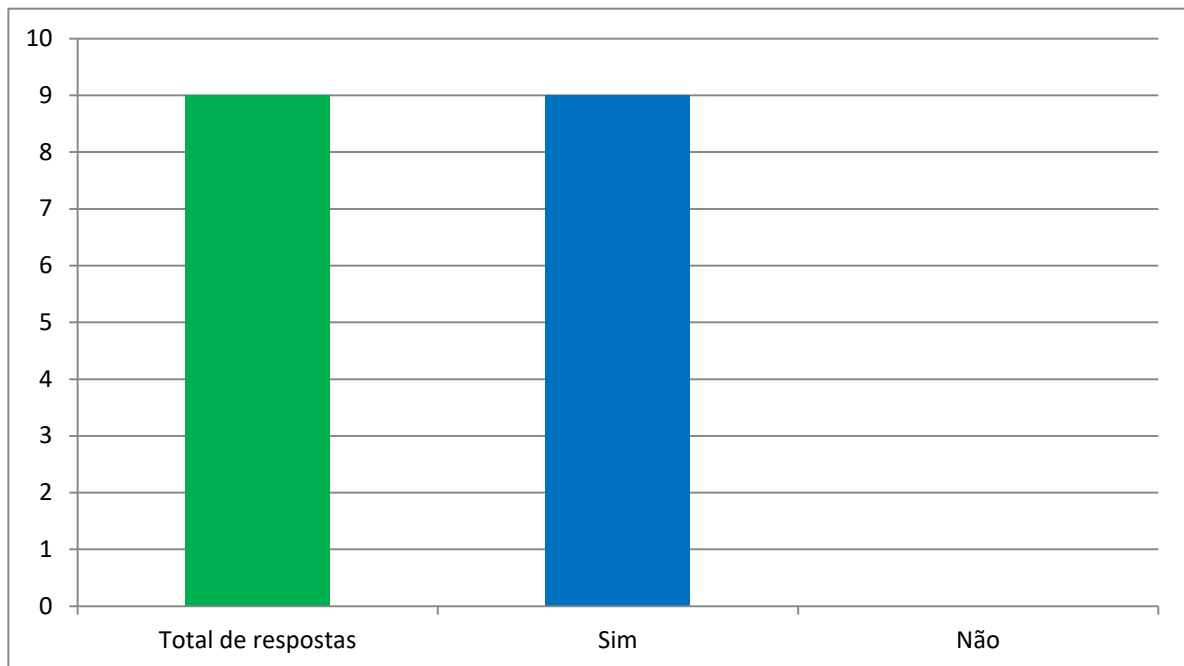
Uma aluna disse **“a língua portuguesa é uma matéria muito importante para nós, os jovens precisam conhecer e dominar a língua portuguesa, pois essa matéria é a raiz de todas as matérias, para entendermos e compreendermos outras línguas e também outras matérias.”** De fato a língua portuguesa vem sendo ensinada no ensino fundamental com afinco haja visto que faz parte da grade curricular de ensino, possibilitando assim que as crianças tenham contato com as duas línguas, tornando-as bilíngue.

Analisando a quinta questão, **“Como você vê a língua terena? Comente. ”**

Triste ver a aluna dizer: **“Não me interesso muito por essa matéria, porque tenho muita dificuldade pra entender, sei que é muito importante entender e falar, mas o meu interesse é muito pouco”**; os demais viram a importância e a necessidade de manter viva essa cultura; uma, porém me chamou atenção **“a língua terena é muito importante para quem fala além de ser uma língua linda que jamais haverá outra como a língua terena.”**

Conforme a questão **“Para você é importante ou não falar a língua dos antigos? Sim ou Não. Comente. ”**

Todos os alunos disseram que é importante sim falar a língua dos antigos, porém muitos jovens indígenas não se interessam mais, parecem sentir vergonha, há ainda os que só querem falar a língua dos brancos.



**Gráfico 04:** Importância de falar a língua dos antigos.

Em se tratando da questão **“O que você acha da língua terena na escola? Comente”**.

A maioria disse que a língua terena na escola é boa, principalmente aos falantes que podem aprender um pouco mais, dando aos não falantes a oportunidade de aprender ao menos algumas palavras. Uma aluna disse: **“Eu acho que é muito bom para nós estudantes aprender a falar e entender embora eu não entenda. ”**

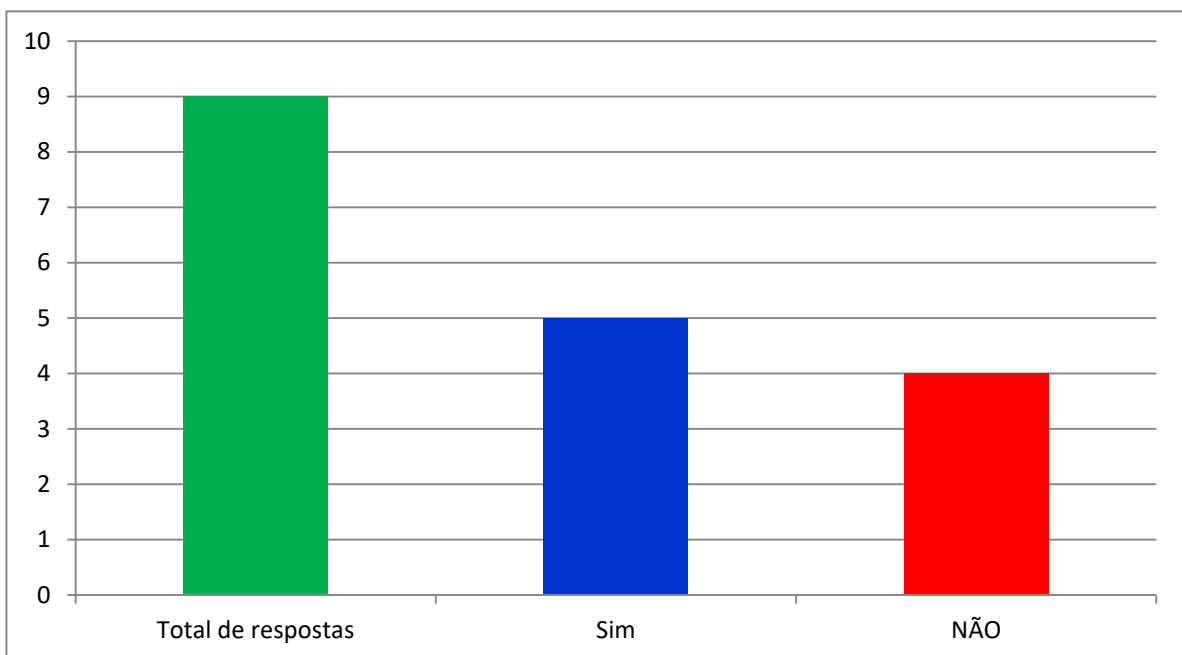
De acordo com **“O que você proporia para o ensino da língua terena em sala de aula”?**

Foi sugerido por alguns alunos que houvesse mais aula de língua terena e que tivesse livros que ensinassem a ortografia e leitura, outros disseram que seria interessante se houvessem três horas de aula, porém um aluno propôs aulas de música **“pois é muito fácil aprender a língua terena cantando.”**

Dois alunos sugeriram que se construísse uma tabela na língua terena com tradução na língua portuguesa e deixasse nas salas, para que os alunos vendo-a todos os dias facilitaria assim o ensino aprendizagem.

Com relação à última questão **“Há interesse dos alunos em aprender a língua terena? Sim ou Não. Comente.”**

A turma ficou um pouco dividida, alguns disseram que há um interesse sim por parte dos alunos em aprender a língua, outros disseram que não há interesse algum por parte dos mesmos em aprendê-la.



**Gráfico 05:** Interesse em falar a língua Terena.



**Foto 04:** Alunos do 2º Ano Ensino Médio da E.E.I. Pr. Reginaldo Miguel Hoyenó'o.

**Fonte:** Ruthe Fernandes da Silva, 2018.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intenção inicial era procurar entender a falta de interesse dos discentes pela língua terena em sala de aula. No entanto, essa proposta não foi fácil, haja visto que ao responderem o questionário, a maioria apresentou interesse e a necessidade de que se tenha essa disciplina e que o terena falante deve sim preservar e defender sua língua e não se envergonhar quando estiverem no meio dos chamados 'purutuye', os não índio.

As sociedades indígenas dispõem de processos particulares para a transmissão de seus conhecimentos indígenas (tradição, costumes e valores), porém a escola não é o único local responsável pelo aprendizado, mas tem o dever de contribuir com o resgate e valorização da linguagem, da cultura e tradições, devendo ainda atender os interesses e as necessidades particulares da comunidade, respeitando as diretrizes delineadas pela constituição federal de 1988 e pela lei de diretrizes e bases da Educação Nacional (lei nº9394/96.) Art. 78. O Sistema de Ensino da União, com a colaboração das agências federais de fomento à cultura e de assistência aos índios, desenvolverá programas integrados de ensino e pesquisa, para oferta de educação escolar bilíngüe e intercultural aos povos indígenas, com os seguintes objetivos:

I - proporcionar aos índios, suas comunidades e povos, a recuperação de suas memórias históricas; a reafirmação de suas identidades étnicas, a valorização de suas línguas e ciências;

II - garantir aos índios, suas comunidades e povos, o acesso às informações, conhecimentos técnicos e científicos da sociedade nacional e demais sociedades indígenas e não-índias.

Art. 79. A União apoiará técnica e financeiramente os sistemas de ensino no provimento da educação intercultural à comunidades indígenas, desenvolvendo programas integrados de ensino e pesquisa.

§ 1º Os programas serão planejados com audiência das comunidades indígenas

§ 2º Os programas a que se refere este artigo, incluídos nos Planos Nacionais de Educação, terão os seguintes objetivos:

I - fortalecer as práticas sócio-culturais e a língua materna de cada comunidade indígena;

II - manter programas de formação de pessoal especializado, destinado à educação escolar nas comunidades indígenas;

III - desenvolver currículos e programas específicos, neles incluindo os conteúdos culturais correspondentes às respectivas comunidades;

IV - elaborar e publicar sistematicamente material didático específico e diferenciado.



Portanto, seria interessante observar a falta de materiais e recursos pedagógicos disponibilizados aos professores, e caberia então ao docente mudar sua metodologia e despertando assim uma participação maciça; podia incrementar teatro, música, receitas tudo executado na língua.

Atualmente existem vários autores indígenas, os quais escrevem livros infantis e jovens. Oportunizando lhes um conteúdo muito importante para a sua formação cultural, quanto qualquer outra literatura presente no currículo escolar. Observando que diante dessa atual situação literária, destacam se as lendas e contos do universo indígena, o qual contribuirá para a formação dos educandos, sendo uma forma de apresentar toda essa cultura criando-se assim uma maior valorização dos saberes indígenas e o que relaciona com a nossa diversidade cultural. Sendo assim, a criança será conduzida a perceber que existem outras maneiras de se viver e observar seu contexto, outras formas de organização social os quais devem ser respeitadas.

Isso desencadeia um currículo próprio, ou seja, delinear a experiência a serem vivenciadas pelo professor, podendo haver mudanças, e adaptações necessárias para a prática educativa na comunidade.

Porém após toda essa análise posso afirmar que enquanto os pais não embutirem na cabeça de seus filhos que a língua terena é bonita e se apropriarem disso se conscientizando de que é necessário praticar todos os dias não importa o lugar onde se esteja a língua cai no esquecimento e daqui alguns anos a única identidade do povo terena será apenas um documento civil no qual constará 'ETNIA TERENA', pois os anciãos estão indo os mais novos não se apropriam da língua indígena terena o que será uma pena se ela vir a morrer.

## REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Circe Maria Ladeira, Maria Elisa. **A história do povo terena. Brasília: Mec, SEF, USP, 2000.**

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade: DP&A, 2004.**

LIMA, Eliane Gonçalves de: Artigo: **O valor da comunidade indígena na construção da identidade da criança Terena; UCDB, 2007.**

KRAMER, Sonia. Alfabetização Leitura e Escrita- Formação de professores em curso. Editora Ática. Ministério da Educação FNDE, 2010.

LIDÓRIO, Ronaldo (Org.). **Indígenas do Brasil: avaliando a missão da igreja.** Viçosa, MG: Ultimato, 2005.

MARTINS, Gilson Rodolfo. **Breve painel etno- histórico de mato Grosso do Sul-2ed.** Campo Grande: UFMS, 2002.

MENDONÇA, Márcia. Análise linguística no ensino médio: um novo olhar, um outro objeto. In: BUNZEN, Clécio.; MENDONÇA, Márcia (org.). Português no ensino médio e formação do professor. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p.199-226.

**Projeto Político Pedagógico da escola Estadual Indígena Pastor Reginaldo Miguel Hoyeno'o.** Aquidauana 2014.

RODRIGUES, Aryon. **Línguas indígenas-500 anos de descobertas.** São Paulo: Delta, 1993.

500 anos de línguas indígenas no Brasil- línguas ameríndias. Acesso em: [https://amerindias.github.io/referências/leifra 06 quinhentos anos.](https://amerindias.github.io/referências/leifra%2006%20quinhentos%20anos)

## ANEXO

### Questões

- 1) Na sua família tem algum falante terena? Se sim, quem? Comente sobre ele ou ela.
- 2) Vocês conversam na língua terena em casa? Se sim ou não. Comente.
- 3) O que você conhece da língua terena?
  - a) Palavras? Quais?
  - b) Frases? Quais?
  - c) Histórias? Conte.
- 4) O que você acha da língua portuguesa? Comente.
- 5) Como você vê a língua terena? Comente.
- 6) Para você é importante ou não falar a língua dos antigos? Sim ou não? Comente.
- 7) O que você proporia para o ensino da língua terena na escola? Comente.
- 8) O que você acha do ensino da língua terena na escola? Comente.
- 9) Há interesse dos alunos em aprender a língua terena? Se sim ou não. Comente.